

No meio, a areia começa a cair (não se preocupe).

por Roberto Terra

Há aqueles que não compram livros pela capa. Até verem e sentirem “Seu Azul”. O livro possui areia colada na capa o que lhe confere originalidade, beleza e um recado: “Sou um muro!” É essa a sensação que tive quando iniciei a leitura. O livro trata da história de um casal moderno que na correria do dia a dia, não possui tempo para conversar. Essa ausência de diálogo acaba por deteriorar a relação, então, procuram ajuda de um terapeuta que recomenda que peguem notícias de portais / sites da internet para discutirem na hora do jantar. Aí é que entra a capa, o “muro”. No princípio, o leitor é um voyeur que estica o pescoço sobre o muro para observar a mesa de jantar de um casal que discute sobre temas corriqueiros e percebe no cantinho da mesa, o filho desse casal desenhando alguma coisa que ele não consegue identificar.

No meio, a areia começa a cair (não se preocupe) sobre o leitor que passa a sentir o incomodo dessa relação. A areia é uma grande metáfora para a delicadeza, porosidade das relações e o desmanchar do mito do “felizes para sempre”. O cinismo do casal se torna muito evidente e ... É muito mais comum do que parece!

No fim. O livro trata da solidão de um menino que é apenas um fantasma que se chama Seu Azul (por erro ortográfico) e que os pais “apelidaram” de Allyson. Isso porque ele não existe como um membro participante da família. Apenas desenha (o livro possui ilustrações) sobre a mesa do jantar seus pais travestidos de monstros adornados com as notícias mais descabidas e esdrúxulas (Pasmem, são verídicas!) O fato é que ele existe somente no mundo virtual de desenhos e games. É um menino extremamente solitário e triste.

Há várias formas de abandono dos filhos. Quantos pais não tem feito isso diariamente enquanto vivem para o consumismo? Quantos pais esquecem que o dever da escola é ensinar e não educar? O egoísmo das posições; o viver de aparências e o fazer o que todo mundo faz ... Depois reclamam que possuem relações vazias e esquecem que construíram uma vida de areia.

Publicado no blog do Roberto Terra, em 04.12.2014.

